

## FLAUBERT, BOUVARD E PÉCUCHET: AUTOR OU LEITOR?

Fernanda Ferreira dos Santos<sup>1</sup>

### Resumo

A discussão proposta pretende analisar em, *Bouvard et Pécuchet*, obra póstuma e inacabada de Flaubert, que se apresenta como um manuscrito, a questão da cópia a partir de sua relação com o gênero burguês romance, bem como observar a construção das instâncias de autor e leitor, tendo em vista tanto os estudos genéticos, como também os estudos acerca da teoria da recepção.

Palavras-chave: Flaubert. *Bouvard et Pécuchet*, Crítica genética/recepção.

### Résumé

Cette discussion porte sur l'analyse dans *Bouvard et Pécuchet*, oeuvre posthume et inachevée de Flaubert qui se présente comme un manuscrit, de la question de la copie à partir de sa relation avec le roman bourgeois, ainsi que de l'observation de la construction des instances d'auteur et de lecteur, dans La perspective des études génétiques et de la théorie de la réception.

Mots-clés: Flaubert. *Bouvard et Pécuchet*. Critique génétique/réception

“Ler significa aproximar-se de algo que acaba de ganhar existência.”

Ítalo Calvino

O enredo de *Bouvard et Pécuchet* compreende uma história muito simples. Os personagens se conhecem e descobrem que não só exercem a mesma profissão, a de copista, mas que também possuem os mesmos interesses: por exemplo, adorariam viver no interior se pudessem. Uma herança bastante oportuna de Bouvard lhes permite mudarem de vida, pois o dinheiro é investido em uma fazenda no interior, o que os inspira a se aventurarem na agricultura e, para isso, leem o máximo possível sobre o

---

<sup>1</sup> Mestranda na Área de Francês Universidade de São Paulo.

assunto. A incapacidade, entretanto, de compreender as leituras, além do exagero entre leitura e sua aplicação, vai custar-lhes muitos desastres. Da mesma maneira, eles também demonstrarão interesse por medicina, literatura, geologia, etc..., sendo que o *modus operandi* é sempre o mesmo.

Na obra, problematiza-se a questão do escritor, do escrever, relacionando esta atividade à cópia cuja função é ser elemento base da narrativa na qual podemos observar que o autor é "[...] habitado pela loucura da leitura preparatória, e, coisa mais preciosa, pela da cópia. Não somente nos deixou as listas de livros lidos ou consultados, mas as páginas inteiras « de cópias»[...]”<sup>2</sup>.

Trataremos, a partir desta questão, de três questionamentos elaborados durante a leitura: o rompimento com o romance e a instauração da cópia, a cópia como elemento que evidencia o duplo autor/leitor, levantando já alguns questionamentos sobre o leitor e seu lugar nessa obra.

### ***Bouvard et Pécuchet e a repetição da morte***

Após essas considerações, exploraremos *Bouvard et Pécuchet*. Partindo das características mencionadas anteriormente acerca de seu enredo (o fato de os capítulos serem dedicados a algumas áreas do conhecimento que são exploradas pelos personagens a partir de suas leituras), observamos uma obra que, exatamente pela multiplicidade e pelas possibilidades (de compreensão, de escrita, de leitura, etc...), se demonstra “fracassada” (tanto no que concerne aos moldes de um romance tradicional quanto no que concerne ao encerramento do texto), tal qual a empreitada dos autores/leitores Bouvard e Pécuchet. O próprio escritor já demonstra ter consciência dessa empreitada fadada a um não-fim, como se já, com certo exagero nosso, prenunciasse sua morte em meio à confecção da obra, segundo sua correspondência a Turguêniev (Dieppe, mercredi 25 juillet 1874):

[...] terei retornado a Croisset sexta-feira (depois de amanhã) e, no sábado, 1º de agosto, começo, enfim, Bouvard e Pécuchet! Fiz a mim mesmo um juramento! Não mais recuar! Mas que medo eu

---

<sup>2</sup>DEBRAY-GENETTE, Raymonde. *Métamorphoses du récit autour de Flaubert*. Éditions du Seuil:Paris, 1988, p. 27.

sinto! Que transes! Parece-me que vou embarcar em uma grande viagem, para regiões desconhecidas, e de que eu não retornarei [...]”<sup>3</sup>

De fato, uma viagem da qual não voltaria mais: como terminar uma obra que tem por fórmula repetir o fracasso de dois personagens que se aventuram pelas áreas do conhecimento tendo como base suas leituras? Impossível. Ainda mais no caso de Flaubert, extremamente metódico e dedicado, que lia o máximo sobre o assunto do qual ia tratar.

Este fracasso apontado parece estar, aqui, pautado na ideia tradicional de romance. Georg Lukács, em *A teoria do romance*, aponta o surgimento desse novo gênero traçando, num primeiro momento, suas origens na epopéia, mas, agora, sem mais a totalidade dela, tendo como intenção fundamental a objetivação da “... psicologia dos heróis romanescos: eles buscam algo...”<sup>4</sup>. O autor ainda completa que:

[...] o processo segundo o qual foi concebida a forma interna do romance é a peregrinação do indivíduo problemático rumo a si mesmo o caminho desde o opaco cativo na realidade simplesmente existente, em si heterogênea e vazia de sentido para o indivíduo, rumo ao claro autoconhecimento.<sup>5</sup>

Tendo como base as afirmações, percebemos que esse novo gênero burguês do século XIX procura trazer sentido a um mundo, a uma vida, que não têm sentido, independentemente do fracasso ou do sucesso do personagem; é nesse gênero que encontramos a noção de indivíduo que só é possível também nesse novo mundo composto por essa nova classe, a burguesia. Flaubert não parece acreditar mais no romance, na literatura, como algo provido de sentido, passando a considerar o processo de escrita e a artificialidade desse gênero, que não poderia, jamais, representar a vida. Flaubert também trata de uma busca, Frédéric, Emma, Bouvard e Pécuchet, todos possuem sonhos e necessidades burguesas, no entanto, estas aspirações estão, desde o início, dadas como impossíveis; impossibilidade essa que é levada ao extremo em *Bouvard et Pécuchet*, mesmo Flaubert seguindo preceitos tradicionais, fixando os tempos verbais em um uso

---

<sup>3</sup> Todas as traduções que se encontram no texto são nossas. (FLAUBERT, <http://flaubert.univrouen.fr/correspondance/conard/lettres/lettres1.html>)

<sup>4</sup> LUKÁCS, Georg. *A teoria do romance*. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2000. Col. Espírito Crítico, p.60.

<sup>5</sup> *Ibid.*, p.82.

convencional e criando a narrativa por meio de sucessões de essências, tudo na verdade funciona como elemento avivador da artificialidade, criando um texto que aponta a sua máscara com o dedo<sup>6</sup>.

Percebe-se, assim, outra morte, a simbólica, pela qual o romance passa principalmente na escritura de *Bouvard et Pécuchet*. A busca pelo sentido ainda se mostra presente nos dois personagens, o que parece, a princípio, não romper com aquela tradição do romance; entretanto, é exatamente ao usar essa busca como fórmula e repeti-la incessantemente que o leitor percebe que há um embuste, que não haverá concretização, aliás, que, no fundo, se trata de um romance praticamente sem enredo nos moldes tradicionais de começo, meio e fim, pois é impossível já em sua própria produção: copiar tudo o que já se produziu de conhecimento. Ou seja, configura-se como uma busca completamente absurda; um absurdo que ainda não se encontrava nem em Emma nem em Frédéric, pois, apesar de nessas ocorrer fracasso, ainda podemos encontrar certa linearidade, histórias que se encaminham para um desfecho, o que de forma alguma acontece em *Bouvard et Pécuchet*. Esse desejo já está presente como projeto de escrita em Flaubert desde 1852, segundo sua correspondência à Louise Colet:

[...] o que me parece mais bonito, aquilo que queria fazer, é um livro sobre nada [...] que se realizaria pela força interna do seu estilo, como a terra sem sustentação se realiza no ar, um livro que não teria quase assunto, ou pelo menos em que o assunto seria quase invisível se isso for possível. As obras mais bonitas são aquelas onde há menos de matéria; mais a expressão se aproxima do pensamento, mais a palavra cola acima e desaparece [...]. Creio que o futuro da arte está nestas vias [...]<sup>7</sup>

O desejo aqui é o de morte da literatura, do romance, fim da narrativa para que o que pudesse emergir fosse o trabalho com a palavra, com a frase precisa, a preocupação com o sujeito que escreve.

### **O leitor e a morte do autor**

A nosso ver, antes de começarmos a pensar a questão do leitor, temos de retornar primeiramente à morte do autor, recorrendo ao artigo de Barthes, “A

---

<sup>6</sup> BARTHES, Roland. *O Grau Zero da Escrita*. Tradução Mário Laranjeira. São Paulo: Martins Fontes, 2000, p. 57-8

<sup>7</sup> FLAUBERT, <http://flaubert.univ-rouen.fr/correspondance/conard/lettres/lettres1.html>.

morte do autor”. No texto, o crítico, após as leituras de Benveniste<sup>8</sup>, aponta a necessidade de desprender o autor do ato de escrever, que seria o mais importante, partindo, inclusive, da noção mesma de narrar a seu ver:

[...] desde o momento em que um fato é contado, para fins intransitivos, e não para agir diretamente sobre o real, quer dizer, finalmente fora de qualquer função que não seja o próprio exercício do símbolo, produz-se este desfasamento, a voz perde a sua origem, o autor entra na sua própria morte, a escrita começa [...]<sup>9</sup>

A questão para Barthes claramente não tem a ver com um apagamento do autor, mas sim com uma valorização do momento da escrita, ou com a colocação da “[...] própria linguagem no lugar daquele que até então se supunha ser o seu proprietário; para ele, como para nós, é a linguagem que fala, não é o autor [...]<sup>10</sup>”; o que é uma preocupação constante em Flaubert que busca a palavra certa, a melhor forma de dizer.

A morte do autor suscita, então, o entendimento da atividade de escrita não mais como um trabalho com a ideia de encerrado, fechado e com uma entidade que o produziu, mas sim como um processo que está sempre acontecendo, começando com o *scriptor*, ou seja, aquele que escreve, assim como o “eu” é o lugar daquele que diz “eu”, por fim, um espaço de ação. Isso demonstra que a importância está no processo, tanto de escritura quanto de leitura, pois aquele que escreve pode ser qualquer um, inclusive o leitor:

[...] ler significa despojar-se de toda intenção e todo preconceito para estar pronta a captar uma voz que se faz ouvir quando menos se espera, uma voz que vem não se sabe de onde, de algum lugar além do livro, além do autor, além das convenções da escrita: do não-dito, daquilo que o mundo ainda não disse sobre si e ainda não tem as palavras para dizer [...]<sup>11</sup>

Vale ressaltar que esse não apagamento do autor aqui é imprescindível, não desconsideramos que há alguém organizando este discurso. Pensando em discurso, inevitavelmente exploramos função. Mesmo

---

<sup>8</sup> Referimo-nos aqui à leitura do *Problèmes de Linguistique*, em que se aponta que o “eu” nada mais é do que o lugar de quem diz eu, logo, para Barthes, o autor nada mais é do que o lugar de quem escreve, ou seja, é só um lugar de enunciação.

<sup>9</sup>BARTHES, Roland. “A morte do autor”. Texto publicado originalmente em: *O rumor da língua*. São Paulo: Martins Fontes, 2004. Disponível em: [http://moodle.stoa.usp.br/file.php/452/morte\\_do\\_autor.pdf](http://moodle.stoa.usp.br/file.php/452/morte_do_autor.pdf), p.1.

<sup>10</sup> Ibid., p.2.

<sup>11</sup>CALVINO, Ítalo. “Apêndice”. In: *Se um viajante numa noite de inverno*. São Paulo: Cia das Letras, 2003, p.243.

entendendo que se trata de um viés em dada medida diferente do barthesiano, vamos recorrer a Foucault, para o qual “[...] o autor deve se apagar ou ser apagado em proveito das formas próprias ao discurso [...] o que essa regra do desaparecimento do escritor ou do autor permite descobrir? Ela permite descobrir o jogo da função autor...”<sup>12</sup>. É exatamente esse jogo o que nos interessa, é nele também que acreditamos estar a função leitor.

A questão, a nosso ver, concerne também a uma discussão sobre o lugar burguês do autor. É possível observar, desde o início, que Flaubert cria uma obra em que zomba da restrita compreensão de leitura da burguesia que é atacada ferozmente:

[...] a cólera também desempenha um papel importante. O ódio que lhe inspirava a burguesia e a repugnância que ele provava durante a composição de *L'Éducation sentimentale* conduziram-no a exclamar que “é necessário, sobretudo: defender a Justiça, insultar a Autoridade - e confundir o Burguês”[...] ele diz que *Bouvard e Pécuchet* será uma vingança[...]<sup>13</sup>

Inclusive, observa-se que Flaubert reforça sua ojeriza ao burguês e a imbecilidade dos personagens neste movimento de cópia, principalmente ao juntar os textos a fim de incorporá-los ao seu, mas, é claro, retirando a citação copiada do seu contexto:

[...] assim, Puvis recomenda a marga ; o manual Roret a condena. Quanto ao gesso, apesar do exemplo de Franklin, Rieffel e o senhor Rigaud não pareciam entusiasmar-se com ele. Os alqueives, segundo Bouvard, eram um preconceito gótico. No entanto, Leclerc assinala os casos em que são quase indispensáveis. Gasparin cita um lionês que cultivou cereais no mesmo campo durante meio século : o que derruba a teoria dos afolhamentos. Tull exalta as lavras em detrimento dos adubos ; e eis que o major Beatson suprime os adubos, e as lavras! [...] <sup>14</sup>

Retomando este ódio à burguesia, pensemos no que é a função autor neste novo sistema, aliás, autoria é primordial nesse sistema, que compreende tanto a particularidade, mas também, segundo Foucault:

Chegar-se-ia finalmente a idéia de que o nome do autor não passa, como o nome próprio, do interior de um discurso ao indivíduo real e

---

<sup>12</sup>FOUCAULT, Michel. « O que é um autor ? ». In : *Estética : Literatura e Pintura, Música e Cinema*. Trad. Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro : Forense Universitária, 2006, p.295.

<sup>13</sup>WETHERILL, P.M. *Flaubert et la création littéraire*. Paris : Nizet , 1964, p.64.

<sup>14</sup> FLAUBERT, Gustave. *Bouvard e Pécuchet*. Tradução Marina Appenzeller. São Paulo : Estação Liberdade, 2007, p.68.

exterior que o produziu, mas que ele corre, de qualquer maneira, aos limites dos textos, que ele os recorta [...] Ele manifesta a ocorrência de um certo conjunto de discurso, e refere-se ao status desse discurso no interior de uma sociedade e de uma cultura [...] Como se o autor, a partir do momento em que foi colocado no sistema de propriedade que caracteriza nossa sociedade, compensasse o status que ele recebia, reencontrando assim o velho campo bipolar do discurso, praticando sistematicamente a transgressão, restaurando o perigo de uma escrita na qual, por outro lado, garantir-se iam os benefícios da propriedade.<sup>15</sup>

Percebemos, então, que essa autoria define os discursos que são produzidos, bem como instaura a noção de propriedade. Em *Bouvard et Pécuchet*, no entanto, quando a cópia se torna a força motriz de produção, percebemos uma descaracterização da ideia dessa autoria, pois o discurso do texto só é construído a partir de outros discursos, dando um fim ao que seja propriedade tanto no “roubo” do que é do outro, quanto na construção daquilo que seja próprio.

Assim, a autoria, aqui, parece confundir-se com a leitura, pois, para Flaubert se utilizar daquilo que é do outro, ele tem de se colocar no lugar de leitor, e, retomando a noção de *scriptor*, o escritor leva este lugar de ação ao extremo ao concretizar este novo texto a partir de outros. Este lugar de leitura também ganha um duplo na obra: Bouvard e Pécuchet, que também têm um lugar de ação tanto em suas profissões de copistas, quanto na aplicação das obras lidas em seus cotidianos. Se os tomamos como representações do escritor, o fracasso dos personagens aqui implicaria uma mudança na visão do romance?

Para continuar pensando o leitor, faz-se necessária uma breve reflexão sobre a estrutura da obra. Ítalo Calvino, em seu ensaio presente no romance *Se um narrador numa noite de inverno*, refletiu sobre a estrutura e a significação de sua obra e discutiu sobre a interrupção da trama, movimento que ele define como “acabado interrompido” e não como “inacabado”, que é:

[...] “acabado cujo final está oculto ou ilegível”, tanto no sentido literal como no metafórico. (Parece-me que em algum momento digo algo assim: “Vivemos em um mundo de histórias que começam e não acabam”[...])<sup>16</sup>

---

<sup>15</sup> Op. cit., p.274.

<sup>16</sup> Op. cit., p.268.

Observamos, a partir da citação, que aquilo que Flaubert faz também é uma obra sem fim, ou melhor, que possui um fim não legível. É claro que sabemos que o romance termina com o retorno dos personagens a suas profissões de copista, mas sabemos também que o livro é uma obra póstuma, e mais do que isso, que Flaubert sabia que escrevia um livro que não iria jamais terminar. Ou seja, há um fim, mas o fim é um retorno à condição inicial, e a atenção se volta ao meio da obra, o qual pode ser eterno, é ele que está suspenso. Os personagens se interessam pelas áreas do conhecimento com os mesmos resultados, logo, eles podem continuar tendo outros campos de interesse, podem aplicar o que leem e continuar a história indefinidamente, e quem continuaria este jogo com os personagens poderia ser o leitor por conta de sua posição ativa.

Tomando como base a estética da recepção, para Wolfgang Iser, a obra só se consolida a partir da interação entre texto e leitor, o que acontece em duas direções:

[...] a recepção, no sentido estrito da palavra, diz respeito à assimilação documentada de textos [...] Ao mesmo tempo, porém, o próprio texto é a *prefiguração da recepção*, tendo com isso um potencial de efeitos cujas estruturas põem a assimilação em certo curso e a controlam até certo ponto [...]<sup>17</sup>

Desta maneira, observa-se que o autor cria mecanismos no interior da obra a fim de tornar possível ao leitor a interação com o texto, logo, "... o texto ficcional deve apresentar "convenções" e "procedimentos"..."<sup>18</sup>, ou seja, repertório e estratégias, respectivamente. As estratégias:

[...] precisam esboçar as relações entre os elementos do repertório, ou seja, delinear determinadas possibilidades de combinação de elementos, que são necessárias para a produção da equivalência. Elas também devem criar relações entre o contexto de referência do repertório por elas organizado e o leitor do texto, que deve atualizar os sistemas de equivalência [...]<sup>19</sup>

Essas estratégias, assim, seriam responsáveis pela organização do repertório, conduzindo o leitor por meio das perspectivas literárias. Como já observamos, o texto de Flaubert obedece a um modelo de construção que se

---

<sup>17</sup> ISER, Wolfgang. *O ato da leitura: uma teoria do efeito estético*. São Paulo: Ed. 34, 1996. Vol. I, p.7.

<sup>18</sup> *Ibid.*, p.129.

<sup>19</sup> *Ibid.* p.159.

repete a cada capítulo, mudando somente o conteúdo daquilo que é trabalhado. Esse modelo parece ser uma estrutura criada para o leitor que procura organizar as relações presentes no interior do repertório, uma estrutura que é facilmente reconhecida.

A estrutura criada pelo autor baseada na eterna repetição de um modelo conduz o leitor a compreender o funcionamento básico do texto ficcional em questão. A hipertextualidade parece reforçar o lugar do leitor, porque ele adquire papel fundamental de construção em comum da obra, com o hipertexto:

[...] qualquer leitura é questionamento do texto pelo leitor. Uma leitura nunca é passiva, é sempre interrogação do texto, formulação de hipóteses sobre o seu significado e verificação destas hipóteses na sequência do texto [...] <sup>20</sup>

Logo, observa-se que, uma maneira de “segurar” o leitor nesse texto é lhe oferecer a chance de compreender o mecanismo da obra pela formulação de hipóteses que se concretizam ou não durante a narrativa. Compreendido o modelo seguido, o leitor pode ainda fazer conjecturas acerca da possibilidade de uma mudança repentina no destino dos personagens ou pode se prender ainda mais à leitura pela possibilidade de uma continuação, ele pode perceber que pode continuar a confecção da obra.

Outra maneira de criar certa expectativa no leitor é anunciar, no fim de alguns capítulos, a próxima empreitada fracassada do par, e em outros capítulos não, atitude que incita o leitor a saber em que momento eles fracassaram novamente:

Quando puderam recuperar a voz, perguntaram-se qual seria a causa de tantos infortúnios, sobretudo do último. E nada compreendiam, a não ser que haviam quase morrido. Pécuchet concluiu com estas palavras :  
- É que, talvez, nada saibamos de química. <sup>21</sup>

Por fim, há também uma ironia que se presentifica durante todo o discurso dos protagonistas, a aparente intelectualidade deles é sempre desmentida por fracassos ou declarações que provocam o riso no leitor:

---

<sup>20</sup> <http://home.nordnet.fr/~yclaeysse/>

<sup>21</sup> Op cit.,p.91.

Vauquelin, tendo calculado toda a cal contida na aveia dada a uma galinha, descobriu maior proporção de substância nas cascas de seu ovos. Ocorre, portanto, uma criação de substância ! De que maneira ? Não se sabe.

Nem mesmo se sabe qual a força do coração. Borelli admite a que é necessária para levantar um peso de 180 mil libras e Keill avalia-a em cerca de oito onças. Daí concluírem que a fisiologia é (de acordo com um dito antigo) o romance da medicina. Como não conseguissem compreendê-la, não acreditavam nela.<sup>22</sup>

É claro que a discussão acerca do leitor não se encerra aqui, *Bouvard et Pécuchet* é um texto que aponta para discussão ampla acerca das funções de autor e de leitor que neste artigo só puderam ser esboçadas. Pensar a própria ideia do romance burguês do século XIX e as transformações que Flaubert promove nele parece fundamental para definir melhor essas esferas, bem como a noção de *scriptor* barthesiana, que nos parece ser o limiar entre a diluição de autoria e de leitura.

---

<sup>22</sup> Ibid., p.102.